

## Entretenimento e política-espetáculo: uma análise discursiva da lógica do “pão e circo” no capitalismo tardio

### *Entertainment and spectacle politics: a discursive analysis of the “bread and circuses” logic in late capitalism*

Gladison Luciano Perosini<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a atualização da lógica do “pão e circo” no contexto do capitalismo tardio, tomando o discurso do entretenimento e da política-espetáculo como objeto de investigação. Acorado nos pressupostos da Análise do Discurso de orientação crítica, o estudo discute como práticas discursivas midiáticas e políticas produzem sentidos de distração, despolitização e naturalização das desigualdades nas democracias neoliberais. A partir do diálogo com autores clássicos e contemporâneos, examina-se de que modo a espetacularização, a emocionalização e a simplificação semântica operam como estratégias discursivas que deslocam o debate público e enfraquecem a racionalidade crítica. Argumenta-se que o entretenimento, enquanto prática discursiva, não atua de forma neutra, mas constitui um dispositivo simbólico de produção de subjetividades conformadas e politicamente anestesiadas, contribuindo para a manutenção do *status quo*.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Cultura do espetáculo. Política-espetáculo. Distração midiática.

**Abstract:** This article examines the updating of the “bread and circuses” logic in the context of late capitalism, taking the discourse of entertainment and spectacle politics as its object of investigation. Grounded in the assumptions of critically oriented Discourse Analysis, the study discusses how media and political discursive practices produce meanings of distraction, depoliticization, and the naturalization of inequalities within neoliberal democracies. Through dialogue with classical and contemporary authors, it analyzes how spectacularization, emotionalization, and semantic simplification operate as discursive strategies that displace public debate and weaken critical rationality. It argues that entertainment, as a discursive practice, does not function neutrally but constitutes a symbolic device for the production of conforming and politically anesthetized subjectivities, thereby contributing to the maintenance of the status quo.

**Keywords:** Discourse Analysis. Spectacle Culture. Spectacle Politics. Media Distraction.

<sup>1</sup> Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI).

## **Introdução**

A máxima latina *panem et circenses*, formulada por Juvenal no século I d.C., designava uma estratégia de contenção social baseada na oferta de subsistência material e entretenimento como forma de neutralização do dissenso político. Embora situada em um contexto histórico pré-moderno, tal formulação permanece produtiva para a compreensão das dinâmicas contemporâneas de poder, sobretudo quando observada à luz das práticas discursivas que organizam o espaço público nas democracias neoliberais. O que antes se concentrava em arenas físicas e espetáculos presenciais hoje se dissemina por meio de plataformas digitais, narrativas midiáticas e discursos performativos que disputam atenção, sentidos e afetos. Configuram-se, assim, novas formas de distração política e controle simbólico (Juvenal, 2015; Karhawi; Prazeres, 2022).

Na modernidade tardia, Debord (1997) oferece uma crítica fundamental ao demonstrar que o espetáculo deixa de ser um evento episódico para se constituir como um regime discursivo que organiza as relações sociais. O espetáculo, entendido como uma relação social mediada por representações, desloca a experiência vivida para o plano da imagem e da encenação, convertendo o cidadão em espectador e produzindo efeitos de alienação e passividade. Nesse processo, as contradições estruturais do sistema são recobertas por narrativas estéticas que naturalizam desigualdades e esvaziam o debate público (Debord, 1997; Zuboff, 2019). Autores como Chomsky (2003) e Postman (2005) ampliam essa crítica, já que evidenciam como os meios de comunicação e a indústria cultural operam na fabricação do consentimento, promovendo a desinformação e a domesticação política.

A essa perspectiva soma-se a contribuição de Foucault (2009), ao deslocar a análise do poder de uma lógica centrada na repressão para uma compreensão capilar e produtiva dos dispositivos de vigilância, normalização e subjetivação. Embora Foucault não trate diretamente do entretenimento, sua noção de microfísica do poder permite compreender como práticas discursivas cotidianas participam da produção de sujeitos conformes, articulando-se aos afetos, aos saberes e às formas de dizer. No contexto digital, algoritmos, plataformas de entretenimento e discursos midiáticos intensificam essa dinâmica, fazendo da distração uma estratégia discursiva de disciplinarização que opera sob o signo da liberdade e da escolha individual (Foucault, 2009; Safatle, 2016).

No plano da subjetividade, Han (2017) contribui ao diagnosticar a transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho, marcada pela internalização dos

imperativos de produtividade, visibilidade e positividade. Nesse regime, o sujeito passa a se autoexplorar e a gerir afetivamente sua própria submissão, o que resulta não apenas em esgotamento psíquico, mas também na erosão da agência crítica. A distração midiática, nesse sentido, não se limita à alienação do real, mas atua como prática discursiva de autogestão emocional e de docilização política, enfraquecendo a resistência e o engajamento coletivo (Han, 2017; Souza; Sabbag; Achilles, 2024).

Diante desse cenário, o presente artigo propõe uma análise discursiva do entretenimento e da política-espetáculo como engrenagens simbólicas do controle social contemporâneo. Ancorado nos pressupostos da Análise do Discurso de orientação crítica, o estudo articula contribuições clássicas e contemporâneas para investigar como a espetacularização, a emocionalização e a simplificação semântica produzem sentidos de despolitização e anestesia crítica no espaço público. Busca-se compreender de que modo a lógica do “pão e circo” se reinscreve discursivamente na era da hipervisibilidade, da vigilância algorítmica e da economia da atenção. Tal reinscrição contribui para a naturalização das desigualdades e para o esvaziamento do debate democrático, sustentando a manutenção do status quo.

## **Metodologia**

O presente estudo inscreve-se no campo da Linguística, mais especificamente no domínio da Análise do Discurso de orientação crítica, adotando uma abordagem qualitativa, interpretativista e analítico-discursiva. Parte-se do pressuposto de que a linguagem constitui uma prática social historicamente situada, na qual se materializam relações de poder, ideologia e produção de sentidos. Nesse sentido, o objetivo metodológico não consiste na mensuração de fenômenos linguísticos, mas na interpretação dos efeitos de sentido produzidos por práticas discursivas associadas ao entretenimento e à política-espetáculo na contemporaneidade.

A investigação fundamenta-se em uma racionalidade interpretativa alinhada à tradição crítica da Análise do Discurso, que compreende o discurso como espaço de disputa simbólica e de constituição de subjetividades. A análise orienta-se pela problematização das condições de produção, circulação e recepção dos discursos, considerando os atravessamentos históricos, ideológicos e midiáticos que estruturam os enunciados analisados. Tal perspectiva permite compreender como determinadas formações discursivas contribuem para a naturalização da distração, da despolitização e da anestesia crítica no espaço público.

O corpus discursivo é composto por um conjunto delimitado de materiais midiáticos e políticos amplamente circulantes no período de 2018 a 2024, selecionados a partir de sua

recorrência, visibilidade e relevância social. Esse recorte temporal diz respeito exclusivamente aos materiais empíricos analisados. O arcabouço teórico mobilizado não se restringe a ele, apoiando-se em autores clássicos e contemporâneos fundamentais para a compreensão dos processos discursivos investigados. Incluem-se, a título exemplificativo, enunciados extraídos de programas televisivos de entretenimento, como reality shows de grande audiência. Também são analisados discursos e slogans de campanhas eleitorais com forte apelo performativo, além de narrativas midiáticas de eventos esportivos e espetáculos de massa que coincidiram com decisões políticas de impacto social. Esses materiais são analisados não como eventos isolados, mas como manifestações discursivas inscritas em um mesmo regime de visibilidade e espetacularização.

O procedimento analítico desenvolve-se em três movimentos articulados: (i) identificação e descrição das categorias discursivas centrais, tais como espetacularização, emocionalização, simplificação semântica e apagamento do conflito político; (ii) análise das estratégias linguístico-discursivas mobilizadas nos enunciados, observando-se mecanismos de construção de sentidos, posicionamento de sujeitos e organização argumentativa; e (iii) interpretação crítica dos efeitos de sentido produzidos por essas estratégias no que concerne à despolitização do debate público e à produção de subjetividades conformadas. Esse percurso analítico possibilita a articulação entre os aportes teóricos da Análise do Discurso e a leitura crítica das práticas discursivas contemporâneas.

O rigor metodológico é assegurado pela explicitação dos critérios de constituição do corpus e pela coerência entre teoria e análise. Além disso, promove-se uma triangulação conceitual entre diferentes autores do campo do discurso, do poder e da mídia. Ainda que não se trate de uma pesquisa empírica de natureza quantitativa, a sistematicidade da análise discursiva e a transparência metodológica conferem consistência interpretativa e relevância científica aos resultados apresentados.

### **Do “pão e circo” ao espetáculo: a constituição discursiva da distração social**

A compreensão da lógica do entretenimento como mecanismo de distração social pode ser retomada, em perspectiva histórica, a partir da sátira de Juvenal sobre a política do *panem et circenses* na Roma Antiga. Ao denunciar a oferta de subsistência material e espetáculos como estratégia de contenção das massas, o autor evidencia um processo inicial de gestão simbólica do dissenso, no qual práticas discursivas e performativas operam para desmobilizar a participação política. Embora situada em um contexto pré-industrial, tal formulação antecipa

modos de produção de sentido que associam entretenimento, poder e pacificação simbólica. Isso configura um precedente histórico para a crítica à indústria cultural, sistematizada no século XX por Adorno e Horkheimer (2006).

No âmbito da modernidade tardia, Debord, em *A sociedade do espetáculo*, aprofunda essa crítica ao demonstrar que o espetáculo deixa de ser um evento isolado para constituir-se como um regime discursivo dominante, responsável por organizar a experiência social por meio de imagens, narrativas e encenações. Ao afirmar que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Debord, 1997, p. 12), o autor aponta para o caráter discursivo dessa mediação, na qual sentidos são produzidos e naturalizados de modo a substituir a experiência vivida por simulacros. Nessa lógica, a linguagem e a representação tornam-se centrais para a reprodução da alienação, uma vez que estruturam formas específicas de dizer, ver e interpretar o mundo social.

A crítica debordiana encontra ressonância em Chomsky (2003), ao evidenciar como os meios de comunicação de massa operam discursivamente na fabricação do consentimento, selecionando temas, enquadramentos e vocabulários que favorecem a manutenção da ordem estabelecida. De modo complementar, autores contemporâneos como Karhawi e Prazeres (2022) demonstram que, no ambiente digital, algoritmos de entretenimento intensificam esse processo ao modular a circulação discursiva, privilegiando conteúdos emocionalizados e espetacularizados que reforçam a anestesia crítica e a desmobilização política. O espetáculo, nesse sentido, não atua apenas no plano visual, mas organiza um modo de dizer e significar que orienta a atenção e o engajamento dos sujeitos.

Nessa perspectiva, o entretenimento deixa de ser compreendido como prática neutra ou meramente recreativa e passa a ser analisado como tecnologia discursiva de controle simbólico. A espetacularização da vida social, impulsionada pela lógica da mercadoria, esvazia a densidade semântica das relações humanas e reduz a complexidade do real a narrativas simplificadas e afetivamente carregadas. Como observa Han (2017), trata-se de uma sociedade marcada pelo excesso de positividade e pela autoexploração discursivamente mediada, na qual a liberdade aparente encobre formas sutis de dominação. De modo convergente, Safatle (2016) aponta para uma governamentalidade emocional sustentada por práticas discursivas que articulam afetos, mídia e política, dificultando a emergência do dissenso e a construção de uma práxis crítica coletiva.

Assim, a distração social não pode ser compreendida apenas como efeito colateral da cultura de massa, mas como resultado de processos discursivos que produzem sentidos de normalização, conformismo e despolitização. Ao articular entretenimento, espetáculo e

linguagem, evidencia-se que o controle social contemporâneo se materializa não apenas em estruturas econômicas ou institucionais, mas, sobretudo, na forma como os discursos são produzidos, circulam e são apropriados pelos sujeitos no espaço público.

### **A indústria cultural e a domesticação discursiva da consciência**

De forma complementar à crítica debordiana, a Escola de Frankfurt, especialmente Theodor Adorno e Max Horkheimer, oferecem um referencial fundamental para compreender a indústria cultural como um dispositivo discursivo de homogeneização simbólica. Em *Dialética do esclarecimento* (2006), os autores argumentam que a cultura, outrora espaço privilegiado de negatividade e potencial crítico, é progressivamente capturada pela lógica da racionalidade instrumental e da mercantilização, passando a operar segundo os mesmos princípios da produção industrial. Com isso, ela deixa de tensionar a ordem social e passa a reproduzi-la por meio de formas discursivas padronizadas, previsíveis e reiterativas. Como afirmam os autores, a indústria cultural, ao se apresentar como guardiã da ordem e da moralidade, converte-se em produtora de uma “barbárie civilizada” (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 131).

Sob essa perspectiva, o entretenimento promovido pela indústria cultural não se orienta à reflexão ou à problematização do real, mas à produção de sentidos estabilizados que favorecem a adaptação ao status quo. A racionalidade econômica que estrutura o sistema capitalista é reinscrita discursivamente na esfera cultural, transformando a arte em mercadoria e a subjetividade em consumo. Trata-se de um processo de domesticação discursiva da consciência, no qual a repetição de fórmulas narrativas, léxicos simplificados e esquemas argumentativos previsíveis contribui para o esvaziamento do debate público. Postman (2005) descreve esse fenômeno como uma “cultura da distração”, na qual o entretenimento ocupa o lugar da argumentação racional, substituindo o confronto de ideias por performances superficiais e emocionalizadas.

Nesse cenário, a diversão deixa de configurar um espaço de suspensão ou expressão simbólica e passa a funcionar como extensão discursiva do trabalho e da produtividade. Han (2017), ao diagnosticar a sociedade do desempenho, observa que o sujeito contemporâneo internaliza discursos de positividade, engajamento e autoexploração, reproduzindo voluntariamente os imperativos do sistema sob a aparência de liberdade. Assim como na crítica frankfurtiana, o excesso de estímulos e a saturação discursiva operam como mecanismos de

silenciamento do dissenso e de neutralização da crítica, uma vez que inviabilizam a elaboração reflexiva e a negatividade necessária ao pensamento crítico.

A homogeneização cultural denunciada por Adorno e Horkheimer adquire contornos ainda mais sofisticados no contexto digital, marcado pela atuação de algoritmos e pela consolidação da economia da atenção. Karhawi e Prazeres (2022) demonstram que plataformas digitais de entretenimento modulam a circulação discursiva a partir de critérios de engajamento, visibilidade e rentabilidade, privilegiando conteúdos que reforçam afetos imediatos e reduzem a complexidade semântica. Zuboff (2019), por sua vez, evidencia como a coleta massiva de dados e a engenharia comportamental intensificam esse processo, orientando preferências e comportamentos por meio de práticas discursivas personalizadas, mas estruturalmente padronizadas.

A convergência entre a crítica da indústria cultural e a crítica do espetáculo revela, portanto, um eixo teórico-discursivo comum: a substituição da experiência social complexa por representações simplificadas, moldadas pela lógica do capital. Se Debord (1997) denuncia a alienação estética produzida pela centralidade da imagem, Adorno e Horkheimer evidenciam a serialização discursiva e o empobrecimento semântico da cultura. Em ambos os casos, o entretenimento funciona como operador ideológico que, sob a aparência de diversão e escolha, produz conformismo, previsibilidade e despolitização, evidenciando o papel central do discurso na manutenção da ordem social contemporânea.

### **Controle social e microfísica do poder: disciplinarização discursiva**

A análise do entretenimento como engrenagem de controle social contemporâneo torna-se mais consistente quando articulada às contribuições de Michel Foucault, especialmente àquelas desenvolvidas em *Vigiar e punir* (2009). Ao deslocar a compreensão do poder de um modelo centrado na repressão para uma lógica produtiva, capilar e difusa, Foucault evidencia que o poder opera por meio de práticas cotidianas de vigilância, normalização e exame, produzindo sujeitos ajustados às normas sociais. Sob essa perspectiva, o poder não se impõe apenas por coerção explícita, mas se materializa em práticas discursivas que induzem à internalização de condutas e modos de ser. O modelo panóptico, tomado como metáfora da modernidade disciplinar, ilustra esse funcionamento ao instaurar uma visibilidade permanente que transforma os indivíduos em agentes de sua própria vigilância (Foucault, 2009).

Embora Foucault não tenha tratado diretamente do entretenimento, sua noção de microfísica do poder oferece um aporte fundamental. Por meio dela, é possível compreender



como práticas culturais e midiáticas contemporâneas operam como dispositivos discursivos de disciplinarização. A exposição reiterada a narrativas padronizadas, a busca constante por validação simbólica em ambientes digitais e a circulação de enunciados orientados por métricas de engajamento configuram formas sutis de vigilância e normalização. Nesse contexto, o discurso não apenas reflete relações de poder, mas atua ativamente na produção de subjetividades previsíveis e conformadas. Zuboff (2019) denomina esse fenômeno de “capitalismo de vigilância”, no qual a coleta massiva de dados e a governamentalidade algorítmica ampliam a capacidade de moldar comportamentos por meio da antecipação e da gestão discursiva das escolhas.

Essa leitura é reforçada por Safatle (2016), ao argumentar que o entretenimento digital funciona como vetor de governamentalidade emocional, esvaziando o espaço público de crítica e engajamento político. A disciplinarização discursiva não se efetiva prioritariamente pela repressão, mas pela sedução simbólica, pela estetização do engajamento e pela recorrência de enunciados que valorizam positividade, desempenho e autoajuste. Tal dinâmica é igualmente observada por Han (2017), que identifica a transição de um paradigma da negatividade, marcado por proibições e interditos, para um paradigma da positividade, no qual a liberdade aparente e a autoexploração discursivamente mediada produzem sujeitos esgotados e politicamente desmobilizados.

O diálogo entre Foucault, Debord e os pensadores da Escola de Frankfurt evidencia dimensões complementares, embora não isentas de tensões internas, do controle social na modernidade tardia. Debord denuncia a alienação produzida pelo regime imagético do espetáculo; Adorno e Horkheimer ressaltam a padronização cultural como mecanismo de domesticação da consciência; Foucault, por sua vez, recusa a ideia de um poder centralizado e unificado que fundamenta a crítica frankfurtiana. Em seu lugar, propõe uma concepção capilar, descentralizada e produtiva do poder, o que o coloca em tensão metodológica com a noção de “indústria cultural” como sistema homogêneo de dominação. De modo análogo, a “sociedade do desempenho” diagnosticada por Han (2017) diverge do modelo disciplinar foucaultiano ao propor uma lógica de autoexploração fundada na positividade, e não na repressão, o que implica uma ruptura com o paradigma da negatividade que orienta tanto Adorno quanto Foucault. Essas divergências não inviabilizam o diálogo teórico, mas exigem que sejam explicitadas como condição de rigor analítico: é precisamente na articulação crítica dessas tensões que emerge a possibilidade de uma leitura mais precisa dos fenômenos discursivos contemporâneos. Em comum, essas abordagens reconhecem que o poder moderno se torna mais eficaz à medida que se articula ao desejo, ao prazer e à linguagem. O entretenimento,



nessa perspectiva, não constitui apenas uma válvula de escape ou um “ópio digital”, mas um operador discursivo de normalização social, que, ao mesmo tempo em que entretém, produz sujeitos dóceis, previsíveis e progressivamente afastados do debate político crítico.

### **A manipulação da informação e a distração midiática: processos discursivos em Chomsky e Postman**

Noam Chomsky, em parceria com Edward S. Herman, apresenta em *Manufacturing Consent* (2008) uma análise estrutural dos mecanismos pelos quais a mídia atua, mesmo em contextos democráticos, como um sistema sofisticado de produção e controle de sentidos. O denominado “modelo de propaganda” identifica filtros discursivos que condicionam a seleção, a hierarquização e a circulação das notícias, entre os quais se destacam a concentração da propriedade dos meios de comunicação, a centralidade da publicidade como fonte de financiamento e a marginalização sistemática de discursos dissidentes. Tais filtros não operam apenas no plano do conteúdo informativo, mas incidem diretamente sobre as condições discursivas de enunciação, restringindo a pluralidade de vozes e delimitando os limites do dizível no espaço público. Nesse sentido, a distração midiática não se configura como efeito colateral, mas como estratégia discursiva de silenciamento e conformação, que produz desconhecimento estruturado e passividade política (Herman; Chomsky, 2008).

Complementando essa crítica estrutural, Postman (2005) analisa a transformação do discurso público sob a hegemonia da televisão e da lógica do entretenimento, destacando o papel da forma discursiva na produção de sentidos. Em *Amusing Ourselves to Death*, o autor argumenta que a fragmentação, a espetacularização e o apelo imagético da comunicação midiática comprometem a profundidade argumentativa e a racionalidade do debate público. O problema central, para o autor, não reside na censura da informação, mas em sua diluição discursiva por excesso, na qual a superabundância de enunciados desarticulados gera superficialidade interpretativa e enfraquece a capacidade de julgamento crítico. Como alerta, quando uma cultura se submete a uma forma dominante de comunicação, tende a invisibilizar e a deslegitimar outras formas possíveis de dizer e compreender o mundo (Postman, 2005).

A convergência entre as críticas de Chomsky e Postman permite uma leitura discursiva ampliada da distração social contemporânea. Enquanto Chomsky evidencia os mecanismos ideológicos que operam na seleção e no enquadramento dos conteúdos, Postman chama atenção para os efeitos semânticos e pragmáticos da forma espetacularizada de apresentação da informação. Essa tensão entre conteúdo e forma discursiva encontra ressonância em análises

contemporâneas. Zuboff (2019) descreve a reconfiguração do espaço informacional pelo capitalismo de vigilância; Karhawi e Prazeres (2022) apontam o papel dos algoritmos na modulação da circulação discursiva e na intensificação da desmobilização política.

Nesse contexto, a mídia deixa de ser compreendida apenas como veículo neutro de transmissão de informações e passa a ser analisada como engrenagem discursiva central na manutenção do status quo. Seja por meio da filtragem ideológica dos conteúdos, seja pela superficialidade estética e pela emocionalização dos enunciados, as práticas midiáticas produzem efeitos de sentido que naturalizam desigualdades e neutralizam a crítica. Como observa Alavina (2017), a política-simulacro se fortalece ao se confundir com entretenimento, instaurando uma estética do poder sustentada pela lógica do espetáculo. A distração midiática, assim, opera como dispositivo discursivo de normalização social, contribuindo para a conformação de subjetividades dóceis e para o progressivo esvaziamento do debate democrático.

### **A sociedade do desempenho e a economia da atenção: configurações discursivas contemporâneas**

As análises clássicas da distração social adquirem novas camadas de complexidade quando confrontadas com contribuições contemporâneas, em especial as de Han. Em *A sociedade do cansaço*, o autor propõe que a configuração social atual não se organiza prioritariamente segundo o modelo disciplinar descrito por Foucault, baseado na repressão e na vigilância externa, mas por uma lógica discursiva da positividade e da autoexploração (Han, 2017). Na denominada “sociedade do desempenho”, os sujeitos passam a internalizar imperativos de produtividade, engajamento e visibilidade, explorando a si mesmos sob a aparência de liberdade. Como observa Han, esse regime não se caracteriza pela proibição, mas pela positividade do “poder-fazer”, que se materializa em enunciados motivacionais, métricas de desempenho e narrativas de sucesso individual (Han, 2017).

Essa forma contemporânea de subjetivação articula-se diretamente aos mecanismos da distração digital. A busca contínua por aprovação simbólica, reconhecimento e engajamento em plataformas digitais transforma o lazer em trabalho discursivo invisível, deslocando a alienação para o campo da experiência cotidiana mediada pela linguagem. Nesse contexto, a chamada “economia da atenção”, conforme discutida por Davenport e Beck (2001), evidencia como a atenção humana se converte em recurso estratégico disputado por práticas discursivas hiperestimuladas. A fragmentação da concentração, a superficialidade do consumo

informacional e a descontinuidade das experiências resultam de um regime discursivo que mercantiliza a consciência e reorganiza o tempo subjetivo dos indivíduos.

Zuboff (2019) aprofunda essa crítica ao demonstrar como as grandes corporações de tecnologia transformam dados pessoais em produtos comportamentais, inaugurando um modelo de governamentalidade algorítmica sustentado pela coleta, análise e antecipação de comportamentos. No âmbito discursivo, o entretenimento digital funciona como espaço privilegiado de extração de dados e de produção de enunciados orientados à previsibilidade e à adesão afetiva. O usuário, nesse cenário, ocupa simultaneamente a posição de sujeito do discurso e de objeto de monitoramento contínuo, tendo suas escolhas discursivamente moduladas por sistemas de recomendação e personalização.

O diálogo crítico entre Han, Zuboff, Davenport e autores clássicos como Debord, Adorno e Foucault permite identificar uma inflexão significativa na natureza do controle social contemporâneo. Se, em contextos anteriores, a distração era predominantemente imposta de fora para dentro, por meio do pão e circo, do espetáculo ou da indústria cultural, na atualidade ela é internalizada, performada e desejada pelos próprios sujeitos. São eles que passam a reproduzir discursivamente os imperativos do sistema. Conceitos como política-simulacro (Alavina, 2017), governamentalidade emocional (Safatle, 2016) e estetização do poder evidenciam que o entretenimento e a distração não enfraquecem o controle, mas o tornam mais eficaz, justamente por operarem por adesão simbólica e desejo, e não por coerção explícita.

Desse modo, a distração digital deixa de ser compreendida como entretenimento inofensivo e passa a ser analisada como dispositivo discursivo decisivo na produção de subjetividades conformadas, marcadas pela autoexploração, pela dispersão da atenção e pela despolitização do debate público. Ao se articular à lógica do desempenho e da vigilância algorítmica, o discurso do entretenimento reforça a naturalização das desigualdades e contribui para a reprodução de um regime simbólico que privilegia a adaptação, o conformismo e a neutralização da crítica.

## **Análise discursiva**

A fim de tornar analiticamente visíveis os processos discursivos discutidos nas seções anteriores, a presente análise examina três conjuntos de enunciados que compõem o corpus delimitado: (i) slogans e enunciados de campanhas eleitorais brasileiras de forte apelo performativo, em especial da eleição presidencial de 2018; (ii) narrativas midiáticas associadas a eventos esportivos de massa, especialmente a Copa do Mundo FIFA de 2018 e a Copa

América de 2021, cujos períodos de realização coincidiram com votações parlamentares e decisões governamentais de impacto social; e (iii) enunciados motivacionais e de entretenimento amplamente circulados em plataformas digitais entre 2018 e 2024, caracterizados pela adesão discursiva aos paradigmas da positividade, do empreendedorismo e da superação individual. Esses materiais foram selecionados em razão de sua alta recorrência, visibilidade social e densidade representativa dos mecanismos discursivos investigados: espetacularização, emocionalização, simplificação semântica e culpabilização individual. A análise que se segue articula os aportes teóricos mobilizados com a leitura crítica desses enunciados, desenvolvendo-se em três eixos principais.

Não se pretende, contudo, realizar uma análise exaustiva da totalidade dos materiais circulantes no período, mas evidenciar, por meio de recortes representativos, regularidades discursivas associadas à espetacularização, à emocionalização e à despolitização do debate público.

A lógica do “pão e circo” que sustentava o Império Romano ressignifica-se na contemporaneidade de maneira mais sofisticada, difusa e performática. O controle social, anteriormente concentrado em arenas físicas e espetáculos presenciais, passa a operar por meio de narrativas digitais, discursos midiáticos e formas de consumo simbólico moduladas por algoritmos. A distração política contemporânea não se estrutura prioritariamente pela censura ou repressão direta, mas pela intensificação discursiva do excesso, da velocidade e do prazer imediato, produzindo efeitos de anestesia crítica contínua no espaço público (Han, 2017; Zuboff, 2019).

No plano discursivo, observa-se que eventos de forte apelo emocional, como finais de campeonatos esportivos, festivais culturais massivos ou escândalos midiáticos de ampla circulação, frequentemente coincidem com votações parlamentares, decretos controversos ou decisões governamentais de impacto social. Conforme aponta Safatle (2016), essa sobreposição não ocorre de forma aleatória, mas integra uma lógica de governamentalidade emocional que desloca estrategicamente o foco da atenção coletiva. Nesse processo, a mídia, inclusive aquela que se apresenta como informativa, prioriza enunciados orientados pela mobilização afetiva em detrimento da racionalidade deliberativa, obscurecendo procedimentos democráticos e enfraquecendo o debate público.

Um exemplo representativo desse funcionamento discursivo pode ser observado durante a Copa do Mundo FIFA de 2018 no Brasil. Enquanto a transmissão dos jogos mobilizava audiências massivas que colocavam o Brasil entre os países com maior engajamento televisivo do evento, o Congresso Nacional avançava na tramitação de medidas

legislativas relacionadas à previdência social e à reconfiguração de direitos trabalhistas, temas de impacto estrutural direto sobre a população. No plano discursivo, o enunciado amplamente circulado nas redes sociais e na mídia “o Brasil parou” operava por meio de dois mecanismos simultâneos e complementares: no plano denotativo, descrevia uma interrupção coletiva das atividades cotidianas em torno do espetáculo esportivo; no plano conotativo, produzia um efeito de sentido de suspensão legítima do engajamento político, naturalizando a ausência de participação civil sob uma atmosfera discursiva positiva e festiva. A escolha lexical do verbo “parar”, com sua carga semântica de imobilidade e interrupção voluntária, evidencia, na superfície discursiva, o que os aportes teóricos mobilizados neste artigo descrevem como anestesia crítica: o sujeito não é impedido de participar politicamente, mas é discursivamente convidado a suspender sua agência cívica sob o signo do prazer coletivo. Trata-se de um caso exemplar de governamentalidade emocional (Safatle, 2016), na qual o entretenimento de massa atua como dispositivo de deslocamento estratégico da atenção pública.

Nesse contexto, ganha centralidade o conceito de política-simulacro (Alavina, 2017), no qual a comunicação política é organizada segundo padrões discursivos próprios da publicidade, do marketing e da dramaturgia midiática. Candidatos são construídos como personagens, campanhas assumem estruturas narrativas ficcionalizadas e o engajamento político se produz por meio de afetos polarizados e simplificados. Tal estetização do discurso político, conforme já problematizado por Debord (1997) e aprofundado por Postman (2005), converte o cidadão em espectador, reduzindo sua participação à recepção passiva de performances discursivas emocionalizadas.

Entre os slogans políticos de forte apelo afetivo circulantes no período analisado, destaca-se o enunciado “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, mobilizado de forma central na campanha presidencial brasileira de 2018. Do ponto de vista lexical, o enunciado articula dois campos semânticos de forte carga afetiva e simbólica: a nação (“Brasil”) e a transcendência religiosa (“Deus”). Ambos são reunidos por uma estrutura sintática de hierarquização absoluta (“acima de tudo”, “acima de todos”), que intensifica o efeito de universalidade discursiva. Esse gesto enunciativo opera pela anulação da complexidade: ao posicionar a nação e o sagrado como significantes universais e indiscutíveis, o enunciado tende a produzir efeitos de apagamento dos conflitos de classe, raça e gênero que estruturam o debate político, substituindo-os por uma interpelação afetiva que convoca à adesão emocional imediata, e não à deliberação racional. O pronome generalizante “todos” produz um efeito de universalidade que dissolve antagonismos e diferenças estruturais, encobrindo relações de poder sob a aparência de um projeto coletivo indivisível. Nessa perspectiva, a política

transformada em imagem reduz o sujeito à posição de espectador: não se trata de avaliar propostas programáticas, mas de se identificar afetivamente com um regime de visibilidade e de pertencimento simbólico. O slogan pode ser compreendido como um enunciado representativo da simplificação semântica enquanto estratégia discursiva de mobilização afetiva e redução da complexidade política: quanto mais vazio de conteúdo programático, mais eficaz como dispositivo de adesão e mobilização afetiva.

Outro eixo discursivo relevante refere-se ao processo de culpabilização individual. De acordo com Souza, Sabbag e Achilles (2024), o neoliberalismo contemporâneo desloca a responsabilidade por falhas estruturais para o sujeito, promovendo narrativas de meritocracia, superação individual e empreendedorismo emocional. Esse deslocamento discursivo contribui para a internalização do fracasso como falha pessoal, ao mesmo tempo em que silencia desigualdades históricas e sistêmicas. Articulado à abundância de entretenimento e à saturação informacional, esse discurso produz sujeitos sobrecarregados, apáticos e progressivamente afastados da ação coletiva.

Esse processo de responsabilização individual encontra materialização discursiva em um conjunto de enunciados amplamente circulados em plataformas de entretenimento digital ao longo do período analisado. Formulações como “A vida é do tamanho do seu sonho”, “Seja a melhor versão de você mesmo” e “O sucesso é resultado das suas escolhas”, recorrentes em conteúdos de motivação, entretenimento e coaching que dominam algoritmos de recomendação nas redes sociais, exemplificam o que Han (2017) descreve como o imperativo discursivo da positividade. Do ponto de vista linguístico-discursivo, esses enunciados operam por meio de dois mecanismos articulados. O primeiro consiste na generalização universalizante, marcada pelo emprego de pronomes e sintagmas indefinidos (“a vida”, “você”, “o sucesso”), que produzem um sujeito abstrato, desvinculado de determinações históricas e sociais. O segundo refere-se ao apagamento da causalidade social, uma vez que a sintaxe posiciona o indivíduo como único responsável por sua trajetória. O efeito de sentido produzido é a naturalização da desigualdade: ao atribuir ao desempenho individual a explicação do sucesso ou do fracasso, esses enunciados tendem a deslocar discursivamente a centralidade das condições objetivas e estruturais que organizam as oportunidades de vida, substituindo a crítica social pela autoexploração voluntária e pelo conformismo performativo. Articulados à lógica algorítmica da economia da atenção (Davenport; Beck, 2001), esses enunciados alcançam escala e reiteração sem precedentes, constituindo um regime discursivo de normalização da desigualdade que opera, paradoxalmente, sob a aparência de empoderamento individual.

A alienação contemporânea, portanto, não se caracteriza pela ausência de informação, mas por seu excesso desarticulado, fragmentado, hipermediatizado e emocionalmente saturado. A economia da atenção captura o tempo subjetivo e reorganiza as práticas de leitura, escuta e interpretação, transformando o cidadão em consumidor contínuo de estímulos discursivos. Como alertam Herman e Chomsky (2008), o sistema não necessita ocultar os fatos para manter sua eficácia, bastando soterrá-los sob camadas de irrelevância, espetacularização e ruído semântico.

Nesse cenário, a dinâmica do chamado “bate e assopra” político manifesta-se de forma refinada. Direitos são retirados por meio de procedimentos burocráticos pouco visíveis, enquanto, em contrapartida, oferecem-se doses contínuas de entretenimento, consumo simbólico e discursos de positividade. A lógica do espetáculo atua como bálsamo discursivo, amortecendo o desconforto social e convertendo crises estruturais em eventos espetacularizados e rapidamente descartáveis.

Dessa forma, compreende-se que o entretenimento, nessa perspectiva analítica, dificilmente pode ser compreendido como prática neutra ou meramente escapista, mas como engrenagem discursiva decisiva na manutenção do status quo. A alienação é produzida pelo ruído e pela saturação de sentidos, não pelo silêncio. A distração discursiva, longe de anular o poder, contribui para orná-lo menos visível e mais eficaz. A lógica do “pão e circo” permanece, assim, plenamente ativa, agora mediatizada por telas, métricas de engajamento e narrativas cuidadosamente performadas no interior da cultura digital.

## **Conclusão**

A presente análise demonstrou que o princípio do “pão e circo”, embora originado na Roma Antiga, permanece operante na contemporaneidade sob formas discursivas mais sofisticadas, ajustadas às dinâmicas do capitalismo informacional e da cultura digital. O entretenimento de massa, articulado à lógica algorítmica e à espetacularização da política, constitui um dispositivo central de distração social, produzindo efeitos de sentido que enfraquecem o potencial crítico dos sujeitos diante de decisões estruturais que afetam diretamente os direitos, a democracia e a cidadania.

Evidenciou-se que a alienação contemporânea não decorre da escassez de informação, mas de sua hiperabundância discursiva, marcada pela fragmentação dos enunciados, pela repetição de imagens e pela intensificação de narrativas emocionalizadas que comprometem a racionalidade política. Nesse contexto, a subjetividade é continuamente interpelada por



discursos que incentivam o consumo simbólico, o engajamento superficial e a responsabilização individual por problemas de natureza estrutural, deslocando o foco do debate coletivo e das relações de poder.

Longe de ser aleatória ou inofensiva, a lógica da distração contemporânea configura uma engrenagem discursiva de controle social. Como discutido ao longo do artigo, esse funcionamento opera sob o signo da liberdade de escolha, da pluralidade aparente de conteúdos e da autonomia individual, ao mesmo tempo em que produz silenciamentos, anestesia crítica e a substituição do debate público por espetáculos midiáticos. Tais processos contribuem para a despolitização da experiência social e para a reprodução do status quo.

Do ponto de vista discursivo, a análise evidencia que o entretenimento e a política-espetáculo não apenas refletem relações de poder, mas participam ativamente da sua produção e manutenção, ao organizar regimes de atenção, afetos e sentidos no espaço público. Compreender esses mecanismos discursivos torna-se fundamental para o aprofundamento dos estudos sobre linguagem, poder e subjetivação na contemporaneidade, bem como para a análise crítica das formas pelas quais a comunicação midiática reconfigura a experiência democrática.

Assim, ao evidenciar os efeitos discursivos da distração e da espetacularização, este estudo contribui para a reflexão sobre o papel da linguagem na constituição de práticas sociais que naturalizam desigualdades e limitam a emergência do dissenso. A análise do discurso do entretenimento, nesse sentido, revela-se um campo fecundo para investigações futuras sobre os modos de produção, circulação e interpretação dos enunciados que estruturam a vida política nas sociedades digitais.

## **Referências**

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ALAVINA, F. Excitação midiática: os simulacros do poder passional nas análises do presente. *Cadernos Espinosanos*, n. 36, p. 243–254, 2017.

CHOMSKY, N. *Controle da mídia: os espetaculares feitos da propaganda*. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

DAVENPORT, T. H.; BECK, J. C. *The attention economy: understanding the new currency of business*. Boston: Harvard Business School Press, 2001.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HAN, B.-C. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HERMAN, E. S.; CHOMSKY, N. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. London: Bodley Head, 2008.
- JUVENAL, D. J. *Sátiras*. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Cultrix, 2015.
- KARHAWI, I.; PRAZERES, M. Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 16, n. 4, p. 800–819, 2022.
- POSTMAN, N. *Amusing ourselves to death: public discourse in the age of show business*. New York: Penguin Books, 2005.
- SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Autêntica, 2016.
- SOUZA, G. S.; SABBAG, D. M. A.; ACHILLES, D. Governamentalidade Algorítmica, sociedade incivil e capitalismo de vigilância: resistência pela produção do comum. *Transinformação*, v. 36, 2024.
- ZUBOFF, S. *The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. New York: PublicAffairs, 2019.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v18.n40.10>

Recebido em: 25/12/2025

Aprovado em: 18/05/2026